

Novas profissões em educação: um diálogo com pedagogos egressos e seus empregadores na zona sul da cidade de São Paulo

Cristina Zukowsky-Tavares¹

Ana Paula Souza

Elize Keller-Franco

Eunice Bertoso

Resumo: Atribuindo vez e voz a empregadores e egressos do curso de Pedagogia que atuam em profissões emergentes a pesquisa buscou entender o sentido que atribuem aos saberes de sua formação e encaminhamentos por eles sugeridos. A metodologia qualitativa teve como instrumento de coleta de dados o grupo focal com os seis egressos dos anos de 2008 e 2009 de uma universidade na zona sul da cidade de São Paulo que atuam em espaços diversificados e entrevista semi estruturada com os quatro empregadores que aceitaram participar da investigação. Os resultados apontaram a relevância de habilidades de trabalho em equipe, gestão de pessoas e projetos, criatividade e metodologias para atuar com diferentes grupos e faixas etárias, ampla formação humanística, ampliando espaços de prática profissional durante o curso. Essa profissão com o pleno exercício da docência fundamenta-se na produção coletiva de respostas aos desafios impostos pela sociedade atual na construção de um mundo melhor.

Palavras chaves: Educação não formal; profissões emergentes; Pedagogia.

Introdução

As transformações ocorridas no mundo do trabalho na contemporaneidade exigem novos perfis profissionais para as formações em geral e para o profissional da educação também. Mudanças advindas da globalização repercutem em alteração de valores e práticas sociais no mundo do trabalho e as novas tecnologias modificaram a cena da vida cotidiana no plano doméstico e fora dele. As estruturas e relações familiares se alteraram. Tudo isso tem gerado novas demandas e necessidades educacionais em que parte delas tem a ver com o sistema escolar e parte não. Dessa forma a educação não formal é um campo que vem se consolidando desde as últimas décadas do século XX nomeando a partir daí

¹ A autora Ana Paula Souza é Pedagoga pelo UNASP SP; Cristina Zukowsky Tavares e Elize Keller Franco, Pedagogas e Doutoradas em Educação e Eunice Bertoso é Pedagoga, Psicóloga e Mestre em Educação. A equipe compõe um grupo de Iniciação Científica do Curso de Pedagogia no Centro Universitário Adventista- UNASP SP.

novas racionalidades de trabalho e profissões emergentes (Gohn, 2010):

Um movimento de profissionalização docente vem assumindo destaque no campo educacional nas últimas décadas, apresentando-se como principal caminho para o *empowerment* (empoderamento) dos professores, ou seja, para torná-los mais autônomos e responsáveis pelo andamento dos trabalhos na escola. E a fim de profissionalizar os professores, considera-se necessário elevar o nível de sua formação de modo a iniciá-los em valores, práticas e saberes acadêmico-científicos (Sarti, 2012, p.325).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional brasileira (art. 1º, LDBEN) de 1996, abriu caminho para a questão dos processos educativos em espaços informais e formais ao anunciar um conceito de educação mais abrangente. Uma década após a instituição desse marco legal demorados e intensos debates entre os estudiosos da educação resultaram em 2006 na instituição das Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial de pedagogos com uma concepção mais abrangente e estendida de docência, em que mesmo se mantendo o foco no preparo para o ensino nas séries iniciais, educação infantil e gestão desses espaços no ensino fundamental formal, abre-se também a perspectiva de inserção desses profissionais no âmbito das experiências educativas em espaços de educação não – escolar. Essas diretrizes ainda não completaram uma década de exercício mas já podemos levantar por meio de estudos algumas tendências que se apontam na formação dos profissionais da educação em que os espaços não – formais e informais têm se constituído em importante locus de disseminação das aprendizagens. O trabalho sobre a Educação não- formal está inserido hoje em módulos e disciplinas nos cursos de pedagogia brasileiros, mas em estudo realizado pela Fundação Carlos Chagas conclui-se que o preparo do docente para atuação em contextos não escolares ainda é pequeno (Gatti, 2010):

O Pedagogo atualmente é formado para trabalhar principalmente no ambiente escolar, de preferência na Educação Infantil e nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental, não tendo uma formação específica para atuar em espaços não formais de educação. Ainda que as novas DCN's tragam apontamentos da necessidade do Pedagogo em espaços “não escolares” ela não discute o como irá ocorrer essa formação e com qual finalidade educativa (Paula e Machado, 2009, p. 233).

Consideramos pertinente nesse momento tecer algumas considerações sobre o nosso entendimento de educação formal, não formal e

informal. No bojo dos movimentos de redemocratização do país nos anos de 1980, após o período da ditadura militar a socióloga brasileira Maria da Glória Gohn (2010) defendia que os movimentos sociais e outras práticas associativas coletivas tinham um caráter educativo para os que nela se engajavam e eram alvo dos protestos e demandas da sociedade em geral. Nesse período ainda não estava claramente definida a categoria analítica dessa modalidade de intervenção educacional.

Almerindo Janela Afonso (1992) há mais de duas décadas já destacava a relevância da educação não-formal como objeto de estudo da sociologia por se caracterizar em contextos mais flexíveis e democráticos de instituição da educação e produção de mudanças sociais.

Vamos nos deter nesse artigo na educação não formal e profissões emergentes decorrentes da educação não formal em sua conceituação e manifestações práticas. A educação não-formal entendida como uma ação intencional, planejada, organizada (embora de forma distinta da organização escolar) e que pode ou não conduzir a algum tipo de certificação. Não é sistematizada como a educação formal escolarizada, sendo assim menos burocrática, hierarquizada e muitas vezes mais econômica, o que pode favorecer o atendimento de necessidades sócio educacionais de países em desenvolvimento de maneira mais ágil e eficaz. É uma modalidade de educação em que tempos, espaços, projetos, conteúdos, estratégias, avaliação são construídas de forma adaptável e flexível aproximando-se dos cidadãos em seus desafios diante das aprendizagens individuais e do desenvolvimento local de cada comunidade em foco (Afonso, 1992; Gohn, 2010, Cavalcante et al, 2006).

A educação não formal proporciona muitas vezes uma abordagem mais eclética, prática e multidisciplinar aos problemas de desenvolvimento de um país e se apresenta um com um potencial crescente rumo a construção e consolidação de novos perfis profissionais no âmbito da educação. E com essas considerações em mente é que nos interrogamos sobre os processos de construção identitária desses novos atores no cenários da educação, buscando compreender limites e possibilidades nas profissões emergentes da educação não formal em nosso país. Que sentido esses profissionais atribuem a sua prática e sua formação universitária no curso de Pedagogia? Como seus empregadores avaliam a construção dessas profissões e o que nos sugerem?

Entendemos por profissão nesse artigo um conjunto de comportamentos, conhecimentos, habilidades, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor. Dessa forma inscrevem-se na profissão a identidade profissional e as especificidades da docência (Antunes, 2013). Pensamos numa visão expandida desse conceito entendendo também que a docência na contemporaneidade pode ser exercida em diferentes cenários e contextos que abriguem as

profissionalidades emergentes que respondem aos desafios educacionais do nosso século.

Essa pesquisa objetivou uma aproximação com egressos do curso de Pedagogia que atuam em espaços diversificados de ação educativa para entender o sentido que atribuem aos saberes e competências de sua formação no currículo por eles vivido e os encaminhamentos por eles sugeridos. A ideia foi atribuir vez e voz aos interlocutores desse processo e seus empregadores.

Metodologia

A pesquisa de natureza qualitativa voltou-se à investigação e à análise de ideias, opiniões, pensamentos e proposições de empregadores e egressos, alunos já diplomados do Curso de Pedagogia, em uma universidade na zona sul da cidade de São Paulo.

O Grupo Focal foi utilizado como instrumento para coleta dos dados com os egressos do curso de Pedagogia em foco que ocorreu no dia 19 maio de 2010, sendo a primeira etapa do levantamento de dados para a discussão final. O instrumento qualitativo de coleta de dados com os empregadores foi a entrevista com roteiro semi- estruturado sobre conceito de educação não formal, papel e função assumida pelo pedagogo nessas novas profissionalidades, competências esperadas para esse profissional e lacunas identificadas em sua formação). Todos os dados foram gravados, transcritos, estudados e a análise temática realizada em conjunto com a literatura específica na área

Os dados foram coletados entre maio de 2010 e dezembro de 2011, sendo analisados em 2012 Os participantes da pesquisa foram seis egressos do curso de Pedagogia dos anos de 2008 e 2009 (quatro grupos de diplomados) que representavam o total de egressos atuando em novas profissionalidades na educação não formal nesse período. Seus empregadores também foram contatados e quatro puderam participar da investigação.

Discussão dos dados

Dentre os egressos pesquisados dos anos de 2008 e 2009 que participaram do grupo focal, quatro eram do gênero feminino e dois do gênero masculino. Quatro deles com idade oscilando entre 21 e 28 anos e

dois entre 45 e 55 anos. Duas egressas atuam em empresas sendo uma delas **analista de projetos de inovação educacional** em um Hospital de grande porte da cidade de São Paulo e a outra egressa, deficiente visual é **instrutora técnica em informática educacional** de uma empresa no município de Taboão da Serra que presta também serviços a escolas municipais. Três egressos atuam em organizações sociais, ONGs como **coordenadores sócio educativos e de oficinas de arte educadores** e também a **coordenadora de um Centro de Convivência para Idosos**. Um egresso formado em Direito e Pedagogia presta **assessoria educacional** e atua como voluntário permanente em mutirões de cidadania.

Ao serem abordados durante o grupo focal sobre o conceito de educação não formal esses egressos enfatizam que

“(...) essa nova modalidade de ensino aprendizagem fora do ambiente tradicional da sala de aula atinge outros ambientes, outras dimensões e é tão válida quanto a formal e em alguns momentos pode ser um complemento e até uma substituição. Tudo aquilo que não estiver limitado e estanque e pressupõe educação é o não formal” (E5)²

“A educação não formal enquanto modalidade foge do padrão convencional da escola. Sua força em nossos dias revela que as organizações enxergam que as pessoas são fundamentais para o crescimento da empresa. Uma organização tem que ter diferenciais para atingir o mercado e a educação não formal tem a possibilidade de trabalhar com as pessoas para o seu desenvolvimento e da mesma forma suprir as necessidades das organizações” (E1)

*“Comecei a educação não formal em 1991, antes de cursar o ensino superior. (...) As pessoas precisam de desenvolvimento, conhecimento e cultura. Precisamos melhorar a vida social do nosso entorno. A educação não formal volta-se para o desenvolvimento humano, pensa em alternativas para as pessoas terem um crescimento em conhecimento, aprendizado, em melhorar e administrar sua renda em estar buscando na própria comunidade essa melhoria. A educação não formal hoje, mais do que novidade é um **renovo de esperança**, para jovens, adolescentes e adultos.” (E3)*

Esse renovo de esperança, como descrito pela docente nessa investigação segue me direção de caminhos emancipatórios e que Dias e Lima (2008, p.163) argumentam como *uma forma de educação caracterizada como educação não formal por ser emanada do anseio e da busca de transformação dos próprios participantes.*

Para os sujeitos de pesquisa o conceito de educação não formal está na direção da busca de novas alternativas profissionais, de caminhos diferenciados, coletivamente partilhados e decididos e que fazem de forma geral mais sentido na perspectiva de empoderamento de indivíduos, comunidades, em um mundo cada vez mais tecnológico, conectado em que novas competências pessoais, profissionais e acadêmicas precisam ser construídas em diferentes redes de colaboração. Nossos currículos de formação dos profissionais da educação no Brasil priorizam discussões sobre a docência numa perspectiva expandida?

Ao serem questionados no grupo focal sobre o papel do curso de Pedagogia no auxílio ao preparo de novas profissões, a tônica do grupo referiu-se prioritariamente à construção de novas atitudes no período de formação inicial na instituição de ensino superior. Assim, a vivência de valores e atitudes entre docentes e discentes tornou-se aspecto relevante para a vida e trabalho do profissional, seguida de conhecimentos específicos da docência presentes no desenvolvimento do curso de forma geral e que constituíram aspectos fundantes na instituição de sua profissão:

“Acredito que o diferencial foi o senso de humanidade que recebemos e vivemos no ambiente universitário. Muitas vezes trabalhando numa organização não governamental com crianças e adolescentes diante de situações diversas eu me perguntava: - o que meus professores fariam nessa situação, qual seria a sua atitude? O senso de humanidade ficou entranhado em nossos poros e fixado em nossas mentes.” (E4)

“Vejo a Pedagogia como a teoria geral da educação, então ela realmente é essencial. Na Pedagogia aprendi a organizar, planejar, saber dar feedback, elaborar uma sequência didática específica de acordo com as diferentes necessidades. Sei fazer um calendário, analisar um bom currículo, avaliar e fazer relatórios. Em processo de ensinar e aprender é o pedagogo que tem autoridade para fazer isso. As empresas hoje investem no desenvolvimento humano. Na pedagogia aprendi sobre as necessidades básicas do ser humano na perspectiva do conhecimento pessoal, profissional, intelectual e espiritual” (E1)

“A Pedagogia me deu sensibilidade para analisar o ser humano na situação em que ele vive, o que já viveu e ajudar a ativar os sonhos que ainda viverá.” (E2)

Analisando o papel da Pedagogia na formação de novos perfis profissionais os egressos ainda sugerem ao currículo do curso:

Despertar no pedagogo em formação o desejo de atuar não só na sala de aula, não só na lousa e papel, mas ir para o meio que o circunda e fazer acontecer nos espaços sociais (E2)

A Instituição formadora deveria olhar com maior atenção os estágios. Eu acredito que os estágios supervisionados em instituições não governamentais, empresas, hospitais, em diversos segmentos forme um educador com visão mais expandida de sua função (E4).

E é nessa direção que investigações sobre a formação desses profissionais declaram que:

(...) um dos compromissos das licenciaturas seria o de auxiliar o futuro professor a desenvolver-se profissionalmente ainda como aluno, oferecendo condições para que conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, bem como uma identidade profissional, sejam elaborados e continuem a desenvolver-se após o término do curso. Busca-se entender como se constrói (Massabni, 2011, p. 796).

A faculdade poderia ter uma interface maior com o mercado de trabalho, promover uma orientação nesse sentido apontando vagas para estagiários na educação não formal. É muito difícil ingressar na empresa por exemplo se o pedagogo não tiver feito um estágio nesse espaço. Os estudantes precisam estar conscientes também que junto com o curso de pedagogia precisam aprimorar seu inglês, fazer cursos de informática, Excel, caminhar junto com a tecnologia pois sem ela você não sobrevive hoje dentro da empresa (E1).

O aluno precisa respirar as possibilidades de novas profissões desde que pisar na faculdade (E4).

Os egressos explicitaram também dificuldades e desafios que constituem a prática de suas atividades na educação não formal:

A maior dificuldade de trabalho nas ONGs é a irregularidade em relação ao registro, salários e benefícios. A questão das dificuldades financeiras é real, em algumas instituições com proporções maiores e outras menores (E2 e E3).

A minha maior dificuldade é a atualização na área de tecnologia. Depois vem o desafio de motivar alunos e professores de maneira diferenciada ao uso da ferramenta para fins educacionais (E6).

Um desafio para o pedagogo também é trazer a humanização dentro das empresas (E1).

Para que haja o exercício pleno de sua profissionalidade o docente precisa ter uma valorização efetiva da pessoa e do profissional da educação por meio de cargos e salários dignos o que faz parte de uma luta política e profissional há muitos anos e “ *não é difícil constatar a perda de prestígio, de poder aquisitivo, de condições de vida e sobretudo de respeito e satisfação no exercício do magistério hoje* ” (Ludke e Boing, 2004, p.1160).

De qualquer forma não podemos deixar de considerar que os cenários de trabalho em espaços não formais estão se expandindo a cada ano. *Há sempre novas oportunidades e possibilidades de trabalho para o educador bem preparado na educação não formal* (E3 e E4)

Temos hoje também muitos educadores construindo sua profissionalidade em espaços diferenciados de atuação pelo senso de missão e militância de docentes engajados com questões da pedagogia social, movimentos e associações de bairros, ONGs, associações, trabalhos com crianças vítimas do trabalho na infância, da violência infantil, de adolescentes em recuperação sócio-educativa, e idosos envolvidos em programas de cuidado e recuperação. Há um leque de atividades e possibilidades de atuação em diferentes espaços e com faixas etárias variadas também. Hoje um educador tem a sua frente muitas opções e os cursos de formação inicial podem clarear essas alternativas para exercício da educação: na empresa, na ONG, nos hospitais e brinquedotecas, nas indústrias de materiais educativos, no rádio e TV, nas prisões e casas de recuperação de adolescentes, nos museus e centros de diversão educativa e lazer, entre outros.

Ao participar de uma entrevista com os empregadores dos nossos egressos na educação não formal tivemos constatações interessantes sobre os projetos de trabalho por eles desenvolvidos e os requisitos que melhor qualificam o exercício dessas profissões emergentes.

Realizamos a entrevista com a primeira empregadora da egressa que atua em reconhecido hospital paulistano, com o cargo de analista de projetos de inovação educacional. Depois de atuar como estagiária no setor de treinamento em saúde a pedagoga foi contratada pelo departamento de criação de materiais educacionais on line.

Vê-se nesse ambiente de trabalho que a pedagoga atua em uma equipe interprofissional com cineasta, jornalista especializada em saúde, psicóloga, profissionais da saúde com vasta experiência na dinâmica hospitalar e as demandas e necessidades de cada setor, administradores, designers gráficos e profissionais das ciências da computação. A empregadora expressa alguns anseios de novas demandas para os perfis profissionais:

“(...) assim hoje eu abriria sim uma vaga de contratação de um pedagogo para trabalhar nessa área de designer instrucional, de criação de materiais educativos em saúde, por esse diferencial em conhecer a trilha de aprendizado de acordo com o público alvo que se deseja atingir. Sabem interrogar e planejar as etapas de construção de conhecimentos: qual é o nosso problema? O que pretendemos alcançar? Como posso checar que a efetividade do processo está se instalando nesse ciclo de ações? O que fazer para esse usuário interagir com as informações e envolva seus amigos em uma interface com as redes sociais para difundir os conhecimentos? (Empregadora A).

Um dos aspectos mais destacados pela Empregadora A relaciona-se a construção de determinadas atitudes no perfil do profissional que realça como características essenciais a um profissional da educação que deseja se manter e expandir fronteiras:

“Considero fundamental o trabalho em equipe. O aspecto decisivo na sua contratação foi o perfil de integração com a equipe de trabalho e atitude proativa na busca de soluções.” (Empregadora A).

E ainda acrescenta:

Estamos mudando toda forma de enxergar o papel dos profissionais daqui. Todos participam de todo o processo. Entramos num problema, todos entendem esse problema e dentro da sua área de competência vamos colaborando com a solução sempre pensando no público-alvo. De uma equipe multidisciplinar com profissionais de diferentes áreas passamos a uma equipe interdisciplinar com todos trabalhando juntos (Empregadora A).

A declaração dessa empregadora reporta à relevância da educação interprofissional no preparo de profissionais que juntos poderão resolver problemas cada vez mais complexos:

Dentre estes e outros desafios, a necessidade de integração assume ponto de destaque. Integração entendida numa perspectiva de novas interações no trabalho em equipe interprofissional, de troca de experiências e saberes e posição de respeito à diversidade, possibilitando-se, com isso, a cooperação para o exercício de práticas transformadoras, parcerias na construção de projetos e exercício permanente do diálogo (Batista, 2012, p. 25).

Como sugestão à instituição formadora a empregadora destacou a importância da formação em gestão de projetos:

“Envolve gestão de demandas e fluxos de trabalho por categorias, essa questão de controlar prazos, desenvolver metodologia, acompanhamento dos projetos, controle financeiro. Se o profissional da pedagogia já sair do curso com uma visão de gestão de projetos isso agrega muito em termos corporativos” (Empregadora A).

Na entrevista com o empregador B, gerente de uma empresa em tecnologia de informação no município de Taboão da Serra, que trabalha com soluções em educação e presta assessoria a outros setores. Como atua na área da informática educacional eles contratam profissionais tanto da área de tecnologia como educação:

“Hoje temos 50% de pedagogos e outras licenciaturas focando a área educacional e 50% de profissionais da área de computação. Está equilibrado. Nós percebemos a necessidade dos profissionais da educação pois só com a tecnologia não conseguíamos atingir nossa proposta dentro da informática, tudo ficava muito técnico e mais como escola preparatória de informática básica” (Empregador B).

Sobre o diferencial no perfil profissional do pedagogo o empregador declara que:

“A gente percebe que o pessoal da área da pedagogia é muito mais presente para produzir a sua própria prática, fazer uso de metodologias, classificar e selecionar jogos educativos, adequar atividades e recursos as propostas. É muito mais tranquilo para eles também o ambiente e os projetos da escola onde prestamos várias assessorias. (Empregador B).

Com relação a sugestões que faria ao profissional em formação ainda sugere:

“Em nossa realidade a questão da informática básica é essencial: um editor de texto, uma planilha eletrônica, o pacote Office prioritariamente. Percebemos que essa é uma grande lacuna no currículo do aluno. E que se aprende também na aquisição de um segundo idioma.” (Empregador B).

O terceiro empregador é gerente administrativo de uma organização não governamental confessional na zona sul da cidade de São Paulo. Uma de suas vertentes de atuação está vinculada com uma casa de atendimento a idosos e foi a primeira a estabelecer convenio com o município de São Paulo. Esse é o local de trabalho de outra egressa do curso de Pedagogia que atua como gestora da unidade. O empregador expressa que cursar Pedagogia “*abriu novos horizontes no trabalho dessa profissional*” e sugere às instituições formadoras:

“(...) começar e ampliar no curso a discussão sobre essa importante fase da vida. Ainda há muito preconceito em nossos espaços de formação, um medo de envelhecer e estar com o idoso. Uma sugestão seria a promoção também de cursos livres e de extensão nessa direção. (Empregador C).

A empregadora D acredita ter se intensificado muito a partir dos anos 1990 a contratação de pedagogos para atuar em projetos sociais pois as exigências da prefeitura da cidade de São Paulo para reelaborar propostas e metodologias na educação infantil se intensificou e hoje em todo corpo docente e diretivo da instituição há presença desses profissionais. E para o exercício dessas funções espera-se do profissional da educação as seguintes competências:

Habilidade na gestão de pessoas e projetos, conhecimento científico e metodológico, boa redação e domínio da oratória, criatividade e capacidade de resiliência. Infelizmente muitas vezes esse profissional não está preparado com uma percepção aguçada para avaliar repercussões de suas ações no trabalho e na gestão de pessoas, parecendo imaturo para cargos de gestão fora dos parâmetros da escola regular e de conteúdos para esse fim (Empregadora D).

E com essa preocupação em mente que Moura e Zuchetti (2006) se pronunciam afirmando que:

Por entendermos existir um hiato na formação do(a)s profissionais, no que se refere às práticas de educação não escolar, em vez de novas intervenções para as clássicas e tradicionais profissões e seus conhecimentos hegemônicos, interessa-nos pensar um corpo de conhecimentos transdisciplinares que opere sobre o social, tanto em práticas formais como não formais, potencializando uma educação para a cidadania pautada na solidariedade (Moura e Zuchetti, 2006, p. 235).

Pesquisar os conhecimentos específicos que constituem sua identidade profissional e os saberes docentes próprios do campo, contribuirão para que o professor encontre os próprios rumos de sua profissionalização – contribuição necessária para a valorização do trabalho docente em diferentes direções (Ludke e Boing, 2004).

Considerações finais

Atribuindo vez e voz a empregadores e egressos do curso de Pedagogia que atuam em profissões emergentes no cenário da educação não formal foi possível entender um pouco do sentido que atribuem aos saberes e competências de sua formação no currículo por eles vivido e os encaminhamentos por eles sugeridos. Pensando numa visão expandida de profissionalidade em que a docência pode ser exercida em diferentes cenários e contextos os sujeitos de pesquisa nos indicam algumas pistas para a constituição identitária da docência como:

A construção de habilidades de trabalho em equipe, comunicação, gestão de pessoas e projetos, criatividade, preparo metodológico para atuar com diferentes grupos e faixas etárias, uma ampla formação humanística, atualização tecnológica e sendo possível em um segundo idioma e forte identificação com a área escolhida. A sensibilização do graduando para as possibilidades de atuar em espaços profissionais emergentes em educação deve ser introduzida a tempo do estudante participar de cursos livres, estágios obrigatórios e remunerados que oportunizem o ingresso atempado no ramo profissional escolhido, não como mera adaptação a exigências do mercado de trabalho mas na perspectiva do exercício pleno da docência e da produção coletiva de respostas aos desafios impostos pela sociedade atual na construção de um mundo melhor.

Notas:

1-A autora Ana Paula Souza é Pedagoga pelo UNASP SP; Cristina Zukowsky -Tavares e Elize Keller - Franco, Pedagogas e doutoras em Educação e Eunice Bertoso é Pedagoga, Psicóloga e Mestre em Educação. A equipe compõe um grupo de Iniciação Científica do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Adventista- UNASP SP.

2-As falas dos sujeitos de pesquisa são apresentadas como E1, E2, ... ao se referirem aos Egressos do curso e Empregador A, B, C e D aos seus responsáveis no mercado de trabalho.

Referências Bibliográficas

- Afonso, Almerindo J. (1992). Sociologia da Educação Não-Escolar: reatualizar um objecto ou construir uma nova problemática? In: ESTEVES, A. J. e STOER, S. **A sociologia na escola: professores, educação e desenvolvimento**. Porto, Afrontamento, p. 83-96.
- Antunes, Ana Luisa (2013). Profissionalidade docente em uma escola provada de rede. **Dissertação de Mestrado**. Departamento de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- BRASIL (2006). **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia**, Licenciatura. Resolução CNE/CP 1/2006. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 mai.
- Cavalcante, Maria Marina D; FERREIRA, Eveline Andrade; CARNEIRO, Isabel Magda S. (2006). A prática educacional do pedagogo em espaços formais e não formais. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v.87,n.216,pp. 188-197, mai/ago.
- Dias, Izabel de Carvalho Gonçalves; Lima, Paulo Gomes (2008). Educação não formal: um intertexto sobre sua caracterização. **Revista de Ciências da Educação- UNISAL- Americana/ SP**, Ano X,n.19, 2ºsem, pp.141-173.
- Gatti, Bernardete (2010). Estudando Licenciaturas: características, currículos e formação. In: AGUIAR, Mª Ap. L.; CORDEIRO, A.; HOBOLD, M.S. (Orgs). **Trabalho docente: formação, práticas e pesquisa**. Joinville, Univille, 2010, pp. 12-61.
- Gohn, Maria da Glória (2010). **Educação Não- Formal e o Educador Social**. São Paulo, Cortez.

- Ludke, Menga. Boing, Luiz Alberto (2004). Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes. **Educação e. Sociedade**. vol.25, n.89, pp. 1159-1180.
- Massabni, Vânia G. (2011). Os conflitos de licenciandos e o desenvolvimento profissional docente. **Educação e. Pesquisa**. vol.37, n.4, pp. 793-808.
- Moura, Eliana; Zucheti, Dinorá Tereza.(2006). Explorando outros cenários: educação não escolar e pedagogia social. **Educação Unisinos**. Novo Hamburgo, vol.10,n.3,pp228-236.
- Paula, Ercília Maria Angeli Teixeira de. Machado, Érico Ribas (2009). Pedagogia: concepções e práticas em transformação. **Educar em Revista**. n.35, pp. 223-236.
- Sarti, Flavia Medeiros (2012). O triângulo da formação docente: seus jogadores e configurações.Revista Educação e Pesquisa, v.38, n.2, p.323-338, São Paulo, jan/abr.